

A imprensa como fonte de pesquisa e representação em *O tempo e o vento*, de Erico Verissimo: técnica de narrativa e implicações estéticas

Doutorando Márcio Miranda Alves (USP)

Resumo:

*A representação da História, no romance **O tempo e o vento**, deve grande parte de seu acabamento aos registros que têm origem na imprensa periódica. Para a configuração do eixo histórico da narrativa, Erico Verissimo recorre a editoriais, reportagens e anúncios de jornais e revistas do início do século XX. Além de indicar em detalhes os principais acontecimentos históricos da época representada, o recurso técnico ancorado na fonte jornalística também inclui a ficcionalização da própria imprensa. Neste sentido, existe na trilogia um equilíbrio constante entre ficção e realidade, fábula romanesca e fato jornalístico, cujas aproximações revelam um estilo peculiar de criação literária. Pretende-se mostrar nesta análise o funcionamento da técnica narrativa do escritor a partir da transposição de conteúdo da imprensa para o romance, bem como as implicações estéticas desta opção de fonte documental.*

Palavras-chave: Erico Verissimo, jornalismo, história, romance brasileiro

Certamente um dos romances mais estudados da literatura brasileira do século XX, **O tempo e o vento**, de Erico Verissimo, continua sempre aberto a novas possibilidades de interpretação crítica. Caracterizada por uma grande variedade de recursos estilísticos e temáticos, a narrativa apresenta ao leitor um amplo retrato da formação da sociedade brasileira, em especial do povo gaúcho, num período que abrange 200 anos.

Analisada separadamente, a trilogia formada por **O continente**, **O retrato** e **O arquipélago**, publicada entre 1949 e 1962, tem algumas referências históricas fechadas em si mesmas e que revelam, entre outros aspectos, as dificuldades do escritor com o acabamento de seu projeto romanesco. Quando estudada em sua unidade, da mesma maneira que foi pensada pelo escritor, a trilogia torna-se mais transparente, revelando elementos que dificilmente podem ser percebidos quando destacados do conjunto.

A maioria dos estudos sobre **O tempo e o vento** procura explicar os questionamentos históricos propostos pela ficção a partir da representação de eventos históricos isolados, significativos para um ou outro tema de interesse particular. Também são objetos de investigação o distanciamento e as aproximações de pressupostos realistas e mitológicos (Zilberman, 2004), definições de gênero e subgênero (Santos, 2000), questões políticas (Bordini, 2004) e impasses do fazer literário (Chiappini, 2001), entre outros.

Uma obra de tamanha envergadura, em que a saga da família Terra Cambará desenvolve-se sobre um pano de fundo histórico bem definido, carece ainda de estudos direcionados para revelar as fontes que amparam a escrita ficcional. Acredito que os

documentos primários consultados pelo escritor durante o processo criativo podem elucidar não apenas a técnica do romancista, mas, também, o resultado estético de sua obra.

A representação literária dos principais momentos da história do Brasil e do Rio Grande do Sul, do século XVIII ao século XX, exige do escritor uma busca consciente por dados que confirmem a verossimilhança do enredo. Não é novidade que Erico Verissimo recorre a fontes orais, livros de história, biografias, jornais, revistas e a sua própria memória e liberdade criativa para escrever o romance. O que nos parece digno de observação é a estreita proximidade entre a imprensa periódica e o fluxo narrativo em **O tempo e o vento**. Não se trata, neste caso, da literatura no jornalismo, cujas relações foram exaustivamente destacadas em diversos estudos críticos, mas, ao contrário, do jornalismo na literatura.

O escritor afirma (Verissimo, 1995, p. 289) que o projeto de narrar a história do Rio Grande do Sul tinha por objetivo revisar os escritos da historiografia sobre a formação social do povo sulino. Crítico do discurso regionalista gaúcho das primeiras décadas do século XX, centrado na exaltação dos heróis do passado, o escritor procura caminhos alternativos em busca de novas interpretações históricas. A imprensa periódica, neste contexto, surge como uma boa saída para se evitar as armadilhas da mistificação da história, erro tão comum àquela época entre romancistas e os próprios historiadores conterrâneos do escritor. Esta opção criativa de Erico Verissimo, explorada dentro de uma proposta de evitar sempre que possível os registros históricos convencionais, eleva o papel das revistas e dos jornais, bem como dos indivíduos que os conduzem, a um estágio superior de significações no plano narrativo.

A narrativa traz inúmeras referências a jornais, revistas e almanaques que de fato circularam no período representado. Se, por um lado, as pesquisas realizadas em livros de história não permitem a sua identificação direta no texto ficcional, o mesmo não ocorre com os recortes jornalísticos. Artigos, editoriais, anúncios e trechos de reportagens são transcritos livremente pelo narrador, de tal forma que os jornais e as revistas passam a atuar como verdadeiros personagens da ficção. Não convém, justamente por esse motivo, considerar essas mensagens como verdades puras sem uma leitura mais atenta. É preciso entender o processo de entrelaçamento entre os fragmentos noticiosos que saem da imprensa e a criação ficcional, concentrando esforços na materialidade do romance, ou seja, analisando apenas o que compõe a narrativa em detrimento de indícios presentes em agendas, entrevistas ou memórias.

O recurso da fonte jornalística permite ao leitor acompanhar acontecimentos importantes de cada época nas mais diversas áreas, como os novos costumes urbanos, as inovações tecnológicas, as referências literárias, os fenômenos da natureza, os embates políticos e as convulsões sociais. Vejamos dois exemplos tirados da narrativa.

Exemplo 1:

As confeitarias fazem bolos, tortas e pastelões com a efígie de Rostand, e a imagem de seu herói, o Chantecler, anda por todos os cantos, nas vitrinas, nas revistas, nos jornais, no coração do povo parisiense. O que já se escreveu sobre essa peça dá para encher toda uma biblioteca!

[...]

– No dia 6 de fevereiro, por ocasião do ensaio geral de “Chantecler”, o boulevard Saint-Martin estava agitadíssimo. Uma enorme multidão se apinhava à porta do teatro.

– Mas afinal de contas – interrompeu-o Rubim – em que consiste a peça?

– Originalíssima! Imaginem vocês que as personagens são quase todas animais domésticos: galos, galinhas, cães, faisões... E os atores aparecem realmente travestidos nesses animais. (VERISSIMO, 1956a, p. 454, grifos do autor)

Exemplo 2:

– Ouçam esta... – diz Tio Bicho, com o jornal aberto diante dos olhos. – A Liga Eleitoral Católica recomenda a seu eleitorado os nomes do Gen. Dutra e do Brig. Eduardo Gomes para Presidente da República, e declara que nenhum católico deve votar no candidato dos comunistas. [...] Floriano chama o garçom e pede as bebidas. Tio Bicho continua a folhear o jornal.

– Esta é boa. Escutem. O Comitê Pró-Fiúza analisa os candidatos à Presidência da República. *Dutra: candidato dos integralistas, espíões e criminosos que avisaram os submarinos do Eixo da saída de nossos pacíficos navios mercantes, mandando à morte milhares de patrícios. Agora o Eduardo Gomes. Candidato dos velhos politiquieiros, da alta aristocracia e dos agentes do capitalismo estrangeiro colonizador.* (VERISSIMO, 1963, p. 585, grifos do autor)

O primeiro exemplo trata de uma representação da receptividade no Brasil da peça *Chantecler*, do dramaturgo francês Edmond Rostand. Inspirada nas fábulas de La Fontaine, a peça conta a história de um galo que acredita que o seu canto faz nascer o sol. O título da peça dá título a um episódio do romance, no qual o protagonista Rodrigo Cambará tem um comportamento semelhante ao galo, ou seja, assume o papel de líder e acredita ter o poder de transformar a natureza e a sociedade na fictícia Santa Fé. O trecho destacado pelo escritor foi publicado desta forma no jornal **Correio do Povo**, de Porto Alegre, coincidindo inclusive a data (O CHANTECLER, 1910, p. 1).

No segundo exemplo, o personagem Tio Bicho reproduz na ficção um anúncio de “a pedido” publicado pelo comitê do candidato Yedo Fiúza, do Partido Comunista Brasileiro, por ocasião da campanha eleitoral de 1945 que acaba na eleição do presidente Eurico Gaspar Dutra. O trecho em destaque aparece num anúncio na edição de 25 de novembro do **Correio do Povo** (A PEDIDO, 1945, p. 3).

Assim como estes exemplos, outros tantos podem ser localizados em praticamente todos os episódios da narrativa. O que me leva a concluir que a representação da História, em **O tempo e o vento**, deve grande parte de seu acabamento aos registros que têm origem na imprensa periódica. O recurso da fonte jornalística serve de complemento documental ao lado de outras fontes de consulta, como os livros de história e os relatos orais. Diferente destas fontes, os fragmentos extraídos de publicações periódicas são facilmente identificados no fluxo narrativo, o que permite um rastreamento quase completo de sua incorporação ao elemento ficcional.

Analisando a técnica de incorporação do conteúdo jornalístico ao projeto romanesco, como também a representação literária do meio de comunicação impresso, vejo a imprensa periódica como base de sustentação da configuração histórica na ficção de **O tempo e o vento**, com implicações diretas na estética da trilogia de Erico Verissimo.

Os documentos periódicos fornecem registros fidedignos de eventos ocorridos em

cada época representada na trilogia. Estes registros, escritos como notícia breve, reportagem, editorial ou anúncio pago, evidentemente carregam consigo diferentes interpretações segundo a percepção dos que os escreveram. Consciente, ao que nos parece, das implicações éticas de uma transposição pura e simples de conteúdo da imprensa para o romance, o escritor usa este recurso a favor da multiplicação de sentidos da narrativa. Em outras palavras, os fragmentos de jornais e revistas despertam em geral a necessidade de um posicionamento opinativo dos personagens, contribuindo para a exposição de certos valores fundamentais à representação literária da História.

Esta primeira constatação significa que o emprego da fonte jornalística em **O tempo e o vento** não se resume a um meio de datação e demarcação temporal dos acontecimentos narrados, tampouco de preocupação exclusiva com a verossimilhança via alegoria, como viria a ocorrer na produção literária dos anos 70 (ARRIGUCCI, Jr, 1979). Durante o processo de criação literária a consulta em edições de periódicos antigos auxilia o escritor na inserção de fatos marcantes de cada período. Com a transposição destes eventos, cria-se um efeito de veracidade no sentido de que “se deu no jornal, então é verdade”. No entanto, estes acontecimentos citados quase nunca aparecem de uma maneira isolada e desprovidos de outros sentidos dentro de um contexto maior. O uso da imprensa enquanto matéria-prima para o preenchimento do quadro histórico sinaliza que esta – na acepção do escritor – não apenas registra os fatos, mas, também, contribui para certos direcionamentos da História e justamente por isso não deve ser desprezada.

Não custa lembrar que o momento de planejamento e escrita do romance coincide com os novos rumos da historiografia e da própria literatura. Enquanto a História passa a ser investigada a partir dos rastros de diferentes ramificações das ciências sociais, e não mais apenas do ponto de vista da história da nobreza, a literatura brasileira experimenta as formas do romance social, colocando em primeiro plano as agruras do homem frente às dificuldades impostas pela natureza e pelas novas relações de capital. Sem recusar totalmente as experiências já superadas, e abrindo-se inclusive para técnicas apreendidas de outras escolas, como percebe Schwarz (1987, p. 31) em relação a Machado de Assis e Mário de Andrade, Erico Verissimo escreve um romance peculiar em que o destino dos personagens está geralmente amarrado aos eventos históricos e estes não existem sem o registro jornalístico.

É desta maneira que percebo a representação das revoluções que eclodiram no Rio Grande do Sul nos séculos XIX e XX. Dos jornais saem muitas informações aproveitadas pelo escritor para “fazer” os acontecimentos no projeto ficcional. As notícias trazidas pelo narrador, geralmente colocadas na fala dos personagens, sugerem certos direcionamentos para os eventos e influenciam as ações dos protagonistas da narrativa. A técnica consiste em, sempre que possível, imprimir um selo de originalidade nas notícias que vem de longe a partir das referências ao registro jornalístico. Na falta de uma testemunha para relatar os fatos, narrados a partir de um determinado ponto de vista, a imprensa coloca-se como uma possibilidade de ampliação do universo representado. Em outras palavras, um recurso facilitador do trabalho do narrador, que pode concentrar-se nos dramas psicológicos dos personagens sem perder de vista os referenciais históricos imprescindíveis para o quadro geral.

Nos assuntos da política, a imprensa tem suas funções potencializadas enquanto fonte e representação. Se por um lado eventos como o assassinato do senador Pinheiro Machado somente estão assim representados por causa dos registros dos jornais, por outro a matéria-prima da imprensa fornece aos personagens os argumentos necessários para

justificar suas ações. Notícias de identificação ideológica servem como munição para o embate das facções, enquanto as opiniões contrárias funcionam como estopim para o endurecimento das discórdias.

A percepção de que a imprensa consiste em um eficiente meio de convencimento coletivo e um atalho para se chegar ao poder está realçada nos jornais fictícios criados para este fim. Os jornais fictícios **O Arauto** e **O Democrata** são alegorias do liberal **A Reforma** e do republicano **A Federação**, não tanto em relação aos valores éticos de seus redatores e financiadores, mas mais na interferência da imprensa no debate sobre temas caros à representação, como a abolição dos escravos e o avanço republicano. Ao mesmo tempo em que a narrativa revela em seus meandros a hipocrisia dos discursos durante as campanhas de liberdade dos negros, mostra também uma relativização da função dos jornais no amadurecimento do debate público. Isso porque o comportamento de redatores ocasionais sinaliza desinteresse pela discussão de ideias, restringindo-se a ataques pessoais e a ações de desmoralização recíproca. O jornal em tempos de crise política tem prazo e finalidade bem definidos e no final acaba servindo apenas para alimentar o fogo (VERISSIMO, 1956b, p. 851).

Na maioria dos episódios da trilogia, o arquétipo de Rodrigo Cambará constrói-se a partir de sinais variados que passam diretamente pelas folhas periódicas, funcionando como uma espécie de *leitmotiv* para o desenvolvimento do enredo ficcional. Em suas leituras superficiais de jornais e revistas o personagem retira como exemplo apenas o que interessa para justificar suas opiniões. Se este aspecto é menos evidente nos romances de folhetim, que são a base de sua formação literária, mas nem sempre aparecem assinalados como tal, o contrário ocorre na relação deste com a França. O privilégio de ler em francês e ser assinante da revista francesa **L'Illustration** diferencia Rodrigo dos demais, sendo ele um dos poucos que podem interpretar fenômenos como o cometa Halley e acompanhar as manifestações sociais da vida parisiense. A revista tem a mesma função de fonte dos jornais, mas a sua simbologia difere destes na representação de mundos diferentes, revelando a influência de Paris sobre Santa Fé e acentuando o drama do protagonista frente a uma realidade da qual ele gostaria de participar.

Na vasta galeria de personagens que transitam pelo enredo de **O tempo e o vento**, boa parte deles têm algum tipo de ligação com a atividade jornalística. Daqueles tirados da “realidade”, ou seja, que de fato existiram, o imigrante alemão Carl von Koseritz participa do romance na troca de correspondências com o médico Carl Winter, outro imigrante alemão e uma das criaturas mais emblemáticas da narrativa. Apesar de abordar o tema da imigração na ficção, incluindo o resumo biográfico de Koseritz, jornalista influente no Rio Grande do Sul do século XIX, Erico Verissimo pouco explora os assuntos que pautavam os jornais à época, sejam jornais brasileiros escritos em português ou alemão. A perspectiva adotada pelo escritor, de concentrar a representação nas reflexões de Carl Winter, evita aprofundar-se nos temas que mais repercutiam na imprensa do período, preferindo se restringir ao preconceito, aos problemas de adaptação e ao progresso material dos imigrantes.

Os assuntos que estavam na pauta dos jornais, relacionados em geral a campanhas contrárias e favoráveis à continuidade da emigração alemã para o Brasil, a influência da Igreja nas colônias, as dificuldades estruturais e o emprego do imigrante como substituto do braço escravo não estão contemplados no eixo histórico de **O tempo e o vento**. Estes temas não eram nada desprezíveis, pois envolviam uma significativa parcela da população e diziam respeito à manutenção ou não de um modelo de desenvolvimento que estava em

marcha desde as primeiras décadas do século XIX.

Não obstante, estes tópicos da história da época representada não são explorados na ficção. A preferência em atribuir ao personagem alemão o papel de observador estrangeiro dos dramas e comédias de Santa Fé revela aspectos que passam ao largo destas questões. É justo assinalar que os jornais não ficam de todo excluídos destes episódios, já que as folhas enviadas por Koseritz permitem a Winter manter-se informado sobre os acontecimentos externos, diminuindo sua solidão e isolamento em Santa Fé. No entanto, não há referências específicas sobre o conteúdo destes jornais.

A busca por respostas sobre este descompasso, se assim podemos chamar, me leva a considerar que o emprego da fonte jornalística no romance varia de regularidade e técnica conforme a distância entre o momento da escrita e o período representado. Eventos contemporâneos do escritor, ou do passado recente, são “reconstruídos” com um grau de fidelidade facilmente identificado nos jornais citados na narrativa. Este é o caso do quadro histórico referente aos anos de 1910, 1915, 1923/24, 1930 e 1945. Acompanhando as referências feitas à imprensa nos episódios que transcorrem nestes anos, e as transcrições diretas de trechos tirados de jornais e revistas, pode-se conhecer – ou revisar – fatos ocorridos na História e perceber a importância da versão jornalística para a configuração do quadro histórico ficcional.

Isso não significa que o noticiário jornalístico reproduzido pelo narrador deva ser aceito como uma verdade intocável. As informações retiradas da imprensa são colocadas a serviço da representação, tornando-se também, por sua vez, ficção. Nem tudo que é narrado como produto dos jornais foi realmente publicado na imprensa desta forma, o que evidencia a engenhosidade do processo criativo ficcional baseado em eventos conhecidos da História. Exercendo sua autonomia de criador, o escritor tem a liberdade de autorizar o narrador a ficcionalizar o próprio registro jornalístico. Como um editor de jornal que dá o acabamento final à notícia, lapidando-a aqui e ali e preparando-a para ser apresentada ao leitor, o escritor substitui algumas palavras e suprime outras com a finalidade de aumentar o impacto do enunciado, sem alterar o sentido original da mensagem. Neste caso, a fonte transforma-se também em representação da imprensa.

Juntamente com estes recortes alterados em seu conteúdo original, destacam-se na trilogia os jornais fictícios, os personagens-jornalistas, os tipógrafos e os leitores de jornais. Todos eles atuam no sentido de promover uma determinada doutrina junto ao grupo social com posicionamentos ideológicos e valores morais específicos, cujas repercussões refletem diretamente sobre os protagonistas e revelam diferentes interpretações. Independentemente de o tipo jornalista ou o modelo de jornal ser representado de uma forma alegórica, o narrador não perde de vista o propósito da verossimilhança histórica. Neste sentido, a confirmação da sociedade representada passa necessariamente pelos bastidores da imprensa periódica. exploração da materialidade do jornal, da figura do jornalista ou do leitor que tenta codificar a mensagem escrita, as manifestações históricas do período são entrelaçadas com o discurso jornalístico, tornando tênue a linha que separa fato e ficção.

A preferência do escritor pela versão jornalística confirma-se com força ainda maior na representação de eventos do passado remoto. Sem acesso a fontes primárias do século XVIII e XIX, e pouco confortável frente aos livros disponíveis, o escritor precisa apostar mais na força da imaginação do que nos documentos, o que explica em parte o aspecto mitológico de **O continente**, cujos episódios são situados neste período. Na representação da Revolução Farroupilha, por exemplo, o escritor recorre aos livros de história para buscar as informações, mas apresenta os detalhes como se estes tivessem sido consultados nos

periódicos da guerra. Na figura do Padre Lara, leitor de jornais, Erico Verissimo encontra a solução para introduzir na narrativa os embates do conflito, aumentando a sensação de veracidade do texto ficcional.

É bem provável que a narrativa histórica dos livros consultados pelo escritor, neste caso os que tratam da formação do povo gaúcho, bem como da Revolução Farroupilha, também tenha nascido a partir de pesquisas em jornais e outros documentos oficiais. Isso, em tese, pode sinalizar uma circularidade do registro histórico que passa pelo relato oral e testemunhal, o jornal, o livro de História, o romance e o imaginário do leitor, revelando certa relativização da verdade dos fatos. Na ficção de **O tempo e o vento**, os eventos remotos são narrados da maneira que poderiam ter ocorrido, segundo a versão dos periódicos usados para direcionar os mesmos eventos, tornado-se por sua vez a verdade do leitor.

O mesmo não ocorre em relação ao tema da imigração alemã. Apesar de haver algumas referências a jornais nos episódios em que Winter está presente, estas não tratam dos “problemas” da imigração, limitando-se à citação de um ou outro evento cuja fonte certamente tem outra origem. Desta forma, acreditamos que o recurso da fonte jornalística enquanto processo criativo não consiste num fim para o escritor, mas, sim, num meio no qual ele se apoia quando dispõe de material para consulta. Na falta deste, existem os livros, as fontes orais e a própria memória criativa do escritor. De qualquer forma ainda fica uma pergunta no ar: por que não representar a imigração da forma como ela era tratada pelos jornais e colocar as informações na narrativa através de um jornal fictício ou da voz de um leitor, a exemplo do Padre Lara durante a Revolução Farroupilha?

Para esta questão existem duas possibilidades de resposta: a) o escritor não localizou material de pesquisa suficiente sobre o tema, visto que os principais estudos sobre imigração foram publicados mais tarde, já na segunda metade do século XX, o que pode ter inviabilizado uma representação confiável do ponto de vista da verossimilhança, ou simplesmente os livros consultados não abordam os temas que eram tratados nos jornais; b) foi uma opção narrativa do escritor não enveredar por assuntos mais amplos do processo migratório. Prefiro a primeira possibilidade, tendo em vista que o escritor era cuidadoso com o processo de pesquisa e certamente estudou o fenômeno migratório. Além disso, os livros mais antigos de fato não abordam a hostilidade alemã em relação ao Brasil como destino para os imigrantes.

Ao fixar um lugar de destaque para a imprensa periódica na representação histórica desde seus primórdios, no caso específico do Rio Grande do Sul a partir da segunda e terceira décadas do século XIX, acompanhando o desenrolar dos acontecimentos até o fechamento da trilogia, Erico Verissimo faz do jornal um daqueles objetos que simbolizam a perpetuação do tempo no romance, ao lado da adaga, da roca e da tesoura. Estes registros da memória coletiva passam de geração para geração e evidenciam o tempo cíclico, transmitindo a ideia de algo que se repete infinitamente, como o vento que traz a lembrança da morte. A referência constante ao jornal, como acessório que passa de mão em mão, assumindo às vezes a força representativa de um personagem, indica a necessidade do grupo social de se sentir parte de uma realidade histórica, interagindo nela a partir das mensagens publicadas.

Neste mesmo sentido, percebe-se que a imprensa também tem uma função de ligação entre Santa Fé e o resto do mundo, estabelecendo uma espécie de diálogo entre a vila (campo) e a cidade (ALVES, 2009). Os jornais e revistas consultados pelos personagens os aproximam de ambientes distantes, envolvendo-os nos mesmos dramas que afetam as

pessoas que estão próximas aos acontecimentos. Dentro de um estilo bem peculiar do escritor, qual seja a multifocalização e o contraponto, os personagens reagem de diferentes maneiras e desta forma delinea-se, aos poucos, o seu arquétipo mais característico.

Essa valorização das fontes primárias como faz Erico Verissimo não se manifesta, porém, sem uma parcela de tensão. É constante a preocupação do escritor em acrescentar tópicos da “vida real” no quadro histórico da ficção, mas sempre cuidando para que esta não fique prejudicada. O equilíbrio entre fato verídico e ação romanesca é conquistado, aparentemente, de uma forma natural, tendo em vista que os eventos pinçados da imprensa nunca se sobrepõem ao destino traçado para os personagens. Aqueles são necessários para a existência destes, de tal maneira que o fato jornalístico legitima a ficção, acentuando a verossimilhança dos eventos narrados e causando um efeito de verdade para o leitor.

Por certo o recurso persistente da fonte jornalística tem implicações diretas na estética da trilogia de **O tempo e o vento**. Tratando-se de um romance carregado de intenções revisionistas da história, cujo eixo central consiste na própria sequência de acontecimentos históricos, a transplantação de fragmentos de revistas e jornais carrega consigo um conjunto de significações discursivas que deixam marcas profundas na narrativa. Não importa se estas marcas permanecem fiéis à “verdade” da imprensa ou se são vestidas de novos sentidos pelos personagens através de constantes variações de perspectivas. O fato é que o conteúdo de um editorial, uma reportagem ou um anúncio está carregado de sentidos históricos daquele momento especial. Este fragmento da História passa, por sua vez, por um processo de escolha e seleção para ser retrabalhado pelo escritor na ficção. É a ética da imprensa e a ética do escritor transformando-se na ética do romance.

Mas não somente a ética da ficção reflete a seu modo as evidências do recurso jornalístico. O estilo da narrativa também têm muito a ver com os processos de produção que caracterizam jornais, revistas e almanaques. Outras leituras críticas já apontaram a existência de uma similaridade funcional entre o romance de Erico Verissimo e os almanaques por conta da presença de informações fragmentadas do tipo ocultista ou enciclopédico, que estão identificadas com a sabedoria popular e tem um objetivo de divertir e educar.

Existem, porém, outros elementos que são, talvez, mais determinantes para esta aproximação. Um deles são os estratos de não ficção, mais precisamente as notícias de grandes eventos e de eventos aparentemente sem importância histórica, mas interessantes justamente pelo seu caráter de extraordinário. A sistematização destes acontecimentos nos almanaques, nas revistas e mesmo nos jornais, montados a partir de assuntos variados que são selecionados pelo editor, lembra muito o estilo narrativo de **O tempo e o vento**, que também segue um modelo de “colagem” de notas e informações.

Outro exemplo vem da forma não cronológica do fluxo narrativo do romance. Episódios fechados em si, e que podem ser lidos de forma independente do conjunto da obra, preservam características com a estrutura básica de montagem dos almanaques e até mesmo dos jornais, se consideramos a divisão por temas e assuntos (cadernos de literatura, economia, política, lazer, etc...). Nos almanaques de cidade essa evidência fica mais clara, já que eles têm por característica comum a estrutura fragmentada, disposta de tal maneira que permite a leitura de forma saltada e sem ordem pré-estabelecida, algo semelhante ao que ocorre na trilogia. Reunidos, todos estes sinais que evidenciam as conexões entre o fazer jornalístico e a narrativa ficcional colaboram para definir a estética de **O tempo e o vento**. Uma estética que se realiza no emprego da fonte primária para tornar legítimo o discurso da representação literária.

Salvo engano nosso, Erico Verissimo é o primeiro escritor da literatura brasileira a usar de forma sistemática o conteúdo da imprensa periódica como apoio para a criação ficcional. Alguns escritores do início do século XX limitam-se a denunciar alegoricamente o vazio de sentidos das redações e da boemia dos cafés frequentados por jornalistas sem dinheiro. Exceto uma ou outra referência ao jornal em esporádicas obras, além de sua utilização como documento histórico por Euclides da Cunha, Erico Verissimo parece ser o pioneiro na técnica de fortalecer a verossimilhança da ficção a partir de recortes de jornais e revistas. Depois dele, principalmente após o Golpe Militar de 1964, outros escritores passaram a utilizar este recurso, ainda assim com propósitos distintos.

Isso indica, a despeito do que não chegou a ser levado em conta nesta pesquisa, que a singularidade do romance **O tempo e o vento** como resultado estético-literário surge de uma reunião harmoniosa de técnicas, diferentes focos narrativos, variações de perspectiva e recorrência a diversas fontes, entre as quais destaca-se a matéria-prima fornecida pela imprensa periódica. São os registros desta imprensa que formam o pilar de sustentação do eixo histórico do romance e ajudam a garantir um lugar definitivo a **O tempo e o vento**.

Referências Bibliográficas

- 1] ALVES, Márcio Miranda. Notícias do campo e da cidade: a fonte jornalística em *O Retrato* e *O Arquipélago*. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 39, p. 20-36, 2009.
- 2] ARRIGUCCI JR., Davi. Jornal, realismo, alegoria: o romance brasileiro recente. In: _____. **Achados e perdidos: ensaios de crítica**. São Paulo: Polis, 1979. p. 79-115.
- 3] A PEDIDO. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 3, 25 nov. 1945.
- 4] BORDINI, Maria da Glória. O questionamento político em *O Arquipélago*. In: _____. ZILBERMAN, Regina. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 121-139.
- 5] CHIAPPINI, Ligia. Flora-Floriano: impasses do escritor dos anos 30? In: PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. **Erico Verissimo: o romance da história**. São Paulo: Nova Alexandria, 2001. p. 137-157.
- 6] O CHANTECLER: Notas sobre o ensaio geral. **Correio do Povo**, Porto Alegre, p. 1, 24 fev. 1910.
- 7] SANTOS, Pedro Brum. O Tempo e o Vento como romance histórico. In: GONÇALVES, Robson Ferreira (Org.). **O tempo e o vento: 50 anos**. Santa Maria, RS: UFSM; Bauru, SP: EDUSC, 2000. p. 105-114.
- 8] SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: _____. **Que horas são?: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29-48.
- 9] VERISSIMO, Erico. **O tempo e o vento III - O arquipélago**. v. 2. Porto Alegre:

Editora Globo, 1963.

10] _____. **O tempo e o vento II - O retrato.** v. 1. Porto Alegre: Editora Globo, 1956a.

11] _____. **O tempo e o vento I - O continente.** v. 2. Porto Alegre: Editora Globo, 1956b.

12] _____. **Solo de clarineta I.** 20. ed. São Paulo: Editora Globo, 1995.

13] ZILBERMAN, Regina. História, mito, literatura. In: BORDINI, Maria da Glória; _____. **O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 21-48.